

## PE-105 - ASSOCIAÇÃO ENTRE CÂNCER E ANEMIA DE FANCONI EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Amábily Brito Penha<sup>1</sup>, Pedro Schmitz Wieczorek<sup>1</sup>, Letícia Bitello<sup>1</sup>, Heloísa Augusta Castralli<sup>1</sup>, Daniel Trindade Ferreira<sup>1</sup>, Anderson de Oliveira Zeni<sup>1</sup>, Cibele Bessa Pacheco<sup>1</sup>, Alethea Zago<sup>1</sup>

1. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

**Introdução:** A Anemia de Fanconi (AF) é uma forma de anemia aplástica congênita, hereditária, autossômica e recessiva associada a pancitopenia, retardo de crescimento, anormalidades congênitas, falência da medula óssea e predisposição a neoplasias malignas. Os sintomas da AF aparecem na infância (entre 3 e 14 anos) e a base do tratamento é composta por androgênios e transplante de células tronco. A mutação dos genes envolvidos na patogênese de AF altera as vias de resposta que reparam o DNA, aumentando a suscetibilidade ao desenvolvimento de tumores sólidos ou hematológicos. **Objetivo:** Esse estudo buscou correlatar as neoplasias malignas encontradas em pacientes com AF e os genes associados a essa predisposição oncológica. **Metodologia:** Foi feita uma revisão sistemática nas bases de dados PubMed, Bireme, SciELO, MEDLINE e Lilacs, usando os descritores "hematological", "pediatric", "fanconi anaemia" e "cancer", compreendendo o período entre 2015 a 2021. 145 resultados foram encontrados, e desses, 15 foram selecionados por atenderem aos critérios do estudo. **Resultados:** 22 genes relativos AF foram descritos até o momento, sendo que as mutações em FANCD1/BRCA2 são as mais relatadas pela literatura. Esse gene foi relacionado ao processo de mitofagia, que é responsável por remover mitocôndrias defeituosas via fagolisossomos, e os defeitos nessa sinalização celular podem predispor o aparecimento de tumores relacionados a AF. Os pacientes estudados tinham entre 11 meses e 16 anos de idade e foi relatada a ocorrência de leucemia mieloide aguda, leucemia linfoblástica aguda (células B e T), glioma, rabdomiossarcoma, neuroblastoma, nefroblastoma, carcinoma de células escamosas, linfoma não-hodgkin, câncer de ovário e câncer de mama. **Conclusão:** É necessário que pacientes com AF sejam monitorados desde o diagnóstico dessa condição para detectar o surgimento de tumores sólidos e hematológicos malignos ainda em estágios iniciais, permitindo o tratamento mais eficiente e precoce disponível.

## PE-106 - ÓBITOS DECORRENTES DE SÍFILIS CONGÊNITA EM MENORES DE UM ANO NO BRASIL DE 2014 A 2018

Giovanna Maiolli Signori<sup>1</sup>, Elson Romeu Farias<sup>2</sup>

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA; 2 Universidade Luterana do Brasil/Escola Pública de Saúde.

**Introdução:** Sífilis congênita (SC) é uma doença de disseminação hematogênica do *Treponema pallidum* por via transplacentária da gestante não tratada ou inadequadamente tratada para seu feto. **Objetivo:** Descrever características dos óbitos decorrentes de sífilis congênita em menores de um ano no Brasil de 2014 a 2018 quanto à data de diagnóstico, a região, ao sexo, à cor/raça, à idade do recém-nascido, ao pré-natal materno, à sífilis materna e tratamento de parceiros. **Métodos:** Estudo transversal, utilizando os dados do DATASUS/TABNET, dos casos confirmados evoluídos para óbitos de crianças menores de um ano decorrentes de sífilis congênita no Brasil de 2014 a 2018. Considera-se a categoria CID-10 A50. Foi criado um banco de dados específico na planilha MS/Excel para análise descritiva de frequências. **Resultados:** No Brasil, nesse período identificaram-se 1.617 casos confirmados evoluídos para óbitos em menores de um ano de idade decorrentes de sífilis congênita no período de 2014 a 2018. O ano com menor número de casos foi 2014 (n= 277) com um acréscimo de 8.7% em relação a 2018 (n= 301). Não houve diferença entre os sexos. Dentre os óbitos, foram mais frequentes a cor/raça parda (46,0%) e a idade entre 0 a 6 dias (97%). A maioria das gestantes possuíam pré-natal realizado (64,3%), mas na maioria a sífilis materna foi descoberta no momento do parto (49,8%) e a maioria dos parceiros não realizaram o tratamento adequado (59,0%). A região Sudeste concentrou o maior número de casos (45,8%) com 39,5% de nascidos, seguido pelo Nordeste (29,75%) com 28,1% de nascidos vivos. **Conclusão:** A quantidade de óbitos precoces por Sífilis Congênita aumentou em relação a 2014 a 2018. Observam-se falhas no rastreio de sífilis durante o pré-natal e no tratamento de parceiros. Expõe-se a importância da capacitação de profissionais, evitando perdas diagnósticas durante o pré-natal e tratando parceiro e gestante.